

As três senhoras de um comedor de ópio

Fabio E. G. Soares

Centro Universitário Facvest

RESUMO

O presente artigo busca discutir a importância da obra *Levana e as Nossas Senhoras do Sofrimento*, de Thomas de Quincey, parte dos ensaios que compõem a obra *Suspiria de Profundis*, publicada em 1845. Para isso procedemos a uma breve descrição do autor, para em seguida nos debruçarmos sobre o conteúdo do ensaio. Ao final é analisada a influência do texto na trilogia de filmes de Dario Argento, chamada de trilogia das Mães.

PALAVRAS-CHAVE: De Quincey; Dario Argento; Senhoras do Sofrimento

ABSTRACT

The present article seeks to discuss the importance of the work *Levana* and *Our Ladies of Sorrow*, by Thomas de Quincey, part of the essays that make up the work *Suspiria de Profundis*, published in 1845. For this we proceed to a brief description of the author, and then focus on the content of the essay. At the end, the influence of the text on the film trilogy by Dario Argento, called the trilogy of Mothers, is analyzed.

KEYWORDS: De Quincey; Dario Argento; Ladies of Sorrow

Thomas de Quincey, autor inglês de várias obras, certamente entre as mais conhecidas aquela intitulada *Confissões de um Comedor de Ópio*, de 1821, posteriormente traduzida por Baudelaire, e sua coletânea de ensaios *Suspiria de Profundis*, de 1845. Dentro dessa última obra, um ensaio chama particularmente a atenção e abordaremos aqui a

importância do texto chamado *Levana e as Nossas Senhoras do Sofrimento*.

Segundo Alina Clej, Quincey era praticamente um desconhecido quando publicou seu primeiro texto que o levou a fama, em 1821, e já havia caído no esquecimento anos mais tarde quando Baudelaire o resgata com sua tradução do texto de Thomas de Quincey inserida dentro de sua obra *Paraisos Artificiais*, de 1860. Sobre o texto de De Quincey, afirma Baudelaire que nele “encontramos algumas informações sobre o misterioso povo de comedores de ópio, esta nação contemplativa perdida dentro da nação ativa” (Baudelaire, p.40). Afirma Clej, ainda, que De Quincey era figura controvertida, profundamente conservador mas sempre pronto para defender “o vagabundo, a prostituta ou o marginal” (CLEJ, 1995, p. 5). Acrescenta:

possuía em um grau maior que qualquer um de seus contemporâneos uma fascinação incomum por assuntos marginais ou arcanos (sociedades secretas, história

bizantina, ópio e assassinato) e uma abordagem excêntrica, oblíqua, em tudo que ele tocava, quer abordasse sistemas de transporte, telescópios, o uso de clorofórmio ou a “questão do ópio com a China”. (idem)

Dentro do texto que aqui abordaremos, de Quincey aborda uma visão em que narra o encontro com as 3 senhoras do sofrimento. O texto trouxe posteriormente repercussão no cinema, com a filmagem da trilogia das mães, de Dario Argento.

Lágrimas, suspiros e trevas

De Quincey começa seu texto narrando sobre a deusa romana Levana. Encarregada de levantar o bebê ao nascer, recebe daí o seu nome: Levana. Mais do que uma simples atividade mundana, o ato de levantar um bebê ao nascer está na mitologia repleto de simbologia, pois traz ao mundo uma vida, abre uma passagem, semelhante à passagem dos vivos aos mortos. Levana é portanto deusa que age sobre o nascimento e

educação das crianças, mas por educação não se refere aos estudos, mas sim o:

poderoso sistema de forças centrais escondidas no seio profundo da vida humana, que por paixão, por luta, por tentação, pelas energias da resistência, trabalha sempre sobre as crianças, não descansando dia ou noite (De Quincey, 2001, p.30)

Dessa forma percebe ele o elo íntimo entre o trabalho de Levana e as dores e sofrimentos profundos e reconhece como ministros de Levana as três mães do sofrimento, que agem em trio, assim como as Fúrias, as Graças, as Parcas e as Musas. Alerta ele que não se deve confundir esse sofrimento com mera dor individual, mas que se trata de “poderosas abstrações que se encarnam em todos os sofrimentos individuais do coração do homem” (idem).

São personificadas em três irmãs. A mais velha é a Mater Lachrymarum, Nossa Senhora das Lágrimas, aquela que grita e geme “chamando pelos rostos desaparecidos” (idem). É a Mater Lachrymarum que está presente quando um cego acorda no meio da noite aflito pela morte da filha de oito anos que lhe servia como guia.

Ela é aquela que sempre desliza quarto adentro dos homens, mulheres e crianças insones.

A segunda irmã é Mater Suspiriorum, Nossa Senhora dos Suspiros. Ela nunca chora, nunca clama, nunca sai ao ar livre, nunca sonha com rebeldia. É aquela que suspira de forma inaudível, na humildade que chega ao abjeto, na fraqueza e falta de esperança. Só ousa sussurrar se para si mesmo, ao pôr do sol, em ruínas abandonadas, locais desolados como ela. Os escravizados, os cativos, os prisioneiros em masmorras, as freiras defraudadas, todos os proscritos e rejeitados caminham com a Nossa Senhora dos Suspiros.

Por fim, a terceira irmã, Mater Tenebrarum, Nossa Senhora das Trevas. É a mais terrível de todas, mãe das loucuras e dos suicídios, das convulsões e tempestades.

Para concluir De Quincey revela que tais eram as visões que tinha delas em Oxford, que lhe haviam desenganado e roubado o coração, obrigando-o a idolatrar o verme e a cova do verme, que seu destino final era ser levado pela Mater Tenebrarum, para banir as fraquezas de esperança, murchar o alívio do amor, queimar as fontes de lágrimas, amaldiçoar como só ela pode, para que seja consumado na fornalha e “ver as coisas que não devem ser vistas, visões que são abomináveis e segredos impronunciáveis” (idem, p. 32)

Como esse desfecho, Thomas de Quincey nos deixa então num ar de transe e terror. Um terror lovecraftiano, das coisas abomináveis e impronunciáveis, cerca de meio século antes do autor americano que tomou a fórmula e a usou até exaustão.

Suspiros, Infernos e Lágrimas

A abordagem do texto de De Quincey, que começa com o mito de Levana dentro do panteão romano, para chegar até as três Mater dos sofrimentos, não passou despercebida a um dos grandes cineastas do horror italiano, Dario Argento. Ele compôs três filmes que ficariam conhecidos como a Trilogia das Mães, sendo eles: *Suspíria*, em 1977, seguido de *Inferno*, 1980 e encerrando com a *Mãe das Lágrimas*, em 2007.

Segundo Giusti, o cinema de Dario Argento é precedido por uma década trabalhando em crítica e roteiros, até que se dispõe a filmar, tornando características de sua obra “ângulos de câmera complexos, cinematografia extravagante e mise-en-scène” (GIUSTI, 2012, p. 11). Se destacam ainda nas obras os pontos de vista inusitados da câmera e a trilha sonora desconfortável, como é o caso da trilha de *Suspíria*, composta pela banda de rock progressivo The

Goblin. Ainda segundo Giusti, apesar de ter descrito as três personificações femininas como

figuras assassinas e vingativas, De Quincey não explicou em detalhes em que o seu poder maléfico consistia. Essa é a razão por trás da decisão de Dario Argento de conceber uma trilogia completa dedicada a essas criaturas, começando por Suspiria [...] para narrar a história de um triumvirato de bruxas malignas vivendo em três cidades diferentes, Freiburg, Nova Iorque e Roma, cuja magia poderosa manipula vidas humanas em uma escala individual e global. (GIUSTI, 2012, p. 127)

Por fim Giusti ressalta ainda o uso de cores gritantes de forma a expressar o desconforto dos personagens e a estranheza associada à magia:

De fato, a paleta de cores artificiais feita de uma escala azul-vermelho-amarela saturada, assim como os elaborados Art Deco e Art Nouveau no set, não apenas combinam com o tema sobrenatural do

filme, mas também alcançam uma dimensão dramática, tornando-se projeções completas do estado mental e corporal das personagens. Por essa razão, Suspiria é o primeiro e único caso no cinema de Argento em que a imagem artística assume um papel completamente “expressionista”. (GIULI, 2012, p.130)

Embora essa tonalidade expressionista de *Suspiria* tenha sido o grande destaque da obra, o efeito de imagens não vai se repetir nos filmes de sequência da trilogia, *Inferno* e *Mãe das Lágrimas*. Para Pietersz, um efeito cinematográfico a unir as três obras cinematográficas é a condição de testemunha ocular do crime, pois nos três filmes temos estudantes “testemunhando os sequestros e mortes controlados pelas Três Mães, os quais eles decidem investigar as causas” (PIETERSZ, 2015, p. 18). Pietersz ressalta ainda que, embora nos três filmes as vilãs sejam mulheres, igualmente são as mulheres que vão perseverar na busca pela solução do mistério, eventualmente confrontando o mal, enquanto os homens em geral se tornam mais uma das muitas mortes horrendas no filme (idem, p.50).

Em suma, temos aí um longo arco narrativo de 30 anos, que começa com o primeiro filme em 1977 e encerra com o terceiro em

2007. Isso se desconsiderarmos ainda a escrita original da obra, 132 anos antes, em 1845.

É digno de nota, ainda, a refilmagem de *Suspiria* em 2018, dirigido por Luca Gudagnino, com um roteiro refeito e atualizado e uma produção com maior orçamento, atualizando muitos dos temas do filme de 1977.

Podemos perceber então, nesse trajeto, os desdobramentos de um simples texto traçado por De Quincey como uma exploração dos caminhos da mente, que inicia com uma reflexão sobre a mitologia romana de *Levana* para desembocar na criação das figuras míticas das três Mães. E vimos então como, por sua vez, essas figuras são apropriadas pelo cinema de horror, horror que é sugerido e instigado pelo final dramático do texto, em que De Quincey narra sua relação com as três Mater dos sofrimentos. E por fim, que além dos três filmes de Dario Argento, soma-se um remake de *Suspiria*, dando mostras de que a vitalidade da obra está ainda longe de se esgotar.

Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles. Les Paradies Artificiels. Disponível em https://www.poetes.com/textes/ baud _par.pdf, último acesso em 01/08/2022.

CLEJ, Alina. A genealogy of the modern self: Thomas De Quincey and the Intoxication of Writing. Stanford: Stanford University Press, 1995.

DE QUINCEY, Thomas. Confissões de um comedor de ópio. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DE QUINCEY, Thomas. LEVANA AND OUR LADIES OF SORROW. In *Suspiria de Profundis*. Blackmask, 2001. Disponível em <http://public-library.uk/ebooks/28/2.pdf>, último acesso em 01/04/2022.

GIUSTI, Giulio. Artistic Imagery in Dario Argento's Cinema. University of Manchester, 2012. (Tese). Disponível em https://www.research.manchester.ac.uk/portal/files/54519356/FULL_TEXT.PDF , último acesso em 01/08/2022.

Revista Entrevero – Volume 2, Número 1, Julho de 2022

PIETERSZ, Indah. Dario Argento's Expressionism: an elaborate exploration and analysis of Dario Argento's contribution to cinema. Dublin: Dublin Business Scholl, 2015. (BA degree).